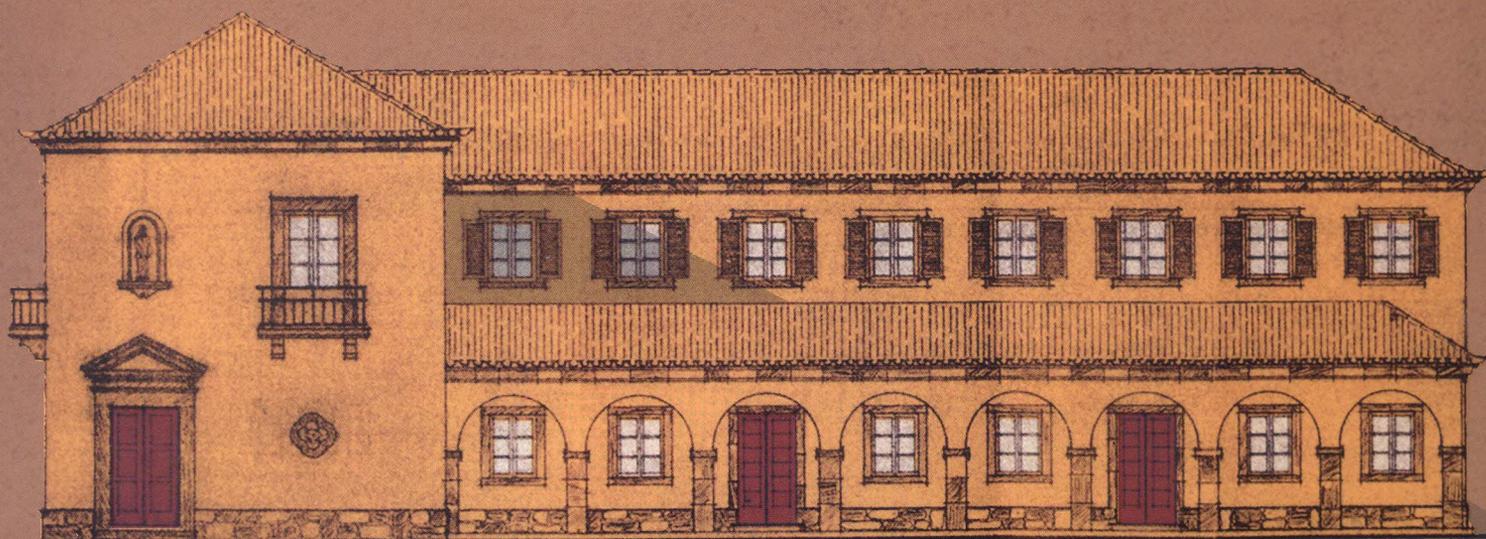


DA MEMÓRIA AO PRESENTE: A HISTÓRIA DA

# OFICINA DE S. JOSÉ

DE BRAGA



Coordenação **Maria Ivone da Paz Soares**

DA MEMÓRIA AO PRESENTE: A HISTÓRIA DA

**OFICINA**  
DE  
**S. JOSÉ**  
DE BRAGA

Braga 2019

## FICHA TÉCNICA

### Título da Obra:

Da memória ao presente: a história da Oficina de S. José de Braga

### Coordenação:

Maria Ivone da Paz Soares

### Revisão de texto:

Serafim Oliveira de Araújo Gonçalves

Mafalda Sampaio Malheiro da Silva

### Fotografias:

Mafalda Sampaio Malheiro da Silva e Acervo da OSJ

### Digitalização:

Romão Figueiredo

### Edição:

Oficina de S. José – Braga

### Execução Gráfica:

Oficina de S. José – Braga

### Data da Edição:

Março de 2019

### Maquetização da capa e design:

Romão Figueiredo

### Tiragem:

500 exemplares

### Depósito Legal:

453385/19

**A TODAS AS CRIANÇAS  
E JOVENS DA OFICINA  
DE S. JOSÉ: de 1889  
até ao FUTURO!**

**“QUE TODOS  
SEJAM UM!”**

*In memoriam*

ao **Cónego Fernando Teixeira Alves Monteiro**

## Da memória ao presente: a história da Oficina de S. José de Braga

|  |     |
|--|-----|
| <b>Prefácio</b> .....  | 9   |
| <b>Apresentação</b> .....  | 11  |
| <b>Introdução</b> – Oficina de S. José Partilha a sua memória. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....  | 13  |
| <b>1.</b> A assistência e as instituições de apoio à infância e à juventude em Portugal, entre o século XIX e a primeira metade do século XX. <i>Alexandra Esteves</i> ..... | 19  |
| <b>2.</b> A assistência em Braga: iniciativas da segunda metade do século XIX. <i>Augusta Xavier Guimarães</i> .....   | 45  |
| <b>3.</b> Oficina para rapazes sem lar e sem pão. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....   | 65  |
| <b>4.</b> Casa e abrigo para os rapazes. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....  | 99  |
| <b>5.</b> De dádivas a donativos a OSJ cresceu. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....   | 135 |
| <b>6.</b> Oficinas: Da formação profissional à realização pessoal. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....  | 173 |
| <b>7.</b> Vadios tornados cidadãos. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....   | 221 |
| <b>8.</b> Arcebispos e diretores da OSJ. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....  | 265 |
| <b>9.</b> A Oficina de S. José na imprensa regional (1889-1974): representações sociais no espaço público bracarense. <i>Manuel Antunes da Cunha</i> .....                   | 291 |
| <b>10.</b> Do presente ao passado: a intervenção arqueológica nos terrenos da Oficina de S. José. <i>Luis Fontes e Fernanda Magalhães</i> .....                              | 307 |
| <b>11.</b> Sentidos e percursos dos Direitos da Criança na Oficina de S. José. <i>Catarina Tomás</i> .....   | 319 |
| <b>12.</b> Testemunhos sobre a OSJ: memórias, saberes e experiências. <i>Maria Ivone da Paz Soares (Org.)</i> .....  | 331 |
| <b>Últimas Considerações</b> – OSJ continua a vencer etapas. <i>Maria Ivone da Paz Soares</i> .....  | 361 |
| <b>Notas Curriculares</b> .....  | 367 |

# Do presente ao passado: a intervenção arqueológica nos terrenos da Oficina de S. José, em Braga

**Luís Fontes (UAUM)\* / Fernanda Magalhães (UAUM)\*\***

Os trabalhos arqueológicos de acompanhamento e escavação realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho entre 16 de dezembro de 2016 e 8 de maio de 2017, nos terrenos da Oficina de S. José voltados à Rua 25 de Abril, na União de Freguesias de São José de São Lázaro e São João do Souto, em Braga, permitiram registar um significativo e importante conjunto de vestígios que documentam as antigas ocupações dessa zona da cidade.

A intervenção realizada incidiu numa área de 5700m<sup>2</sup>, onde foi construído um espaço comercial

(Continente Bom Dia), e teve por objetivo dar resposta às condicionantes arqueológicas estabelecidas para aquela área relacionadas com a proximidade a zonas em que estão preservados níveis da antiga ocupação da área envolvente de Braga. Alguns desses vestígios foram identificados em outras escavações realizadas na cidade, designadamente um dos tramos da Via XVII, que ligava as cidades romanas de *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga, Espanha), bem como núcleos de grandes áreas de necrópoles sob o *Liberdade Street Fashion* (antigo quarteirão dos CTT), o Largo

---

\* Luís Fernando Oliveira Fontes, Doutor em Arqueologia pela Universidade do Minho. Diretor da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

\*\* Fernanda Eugénia Puga de Magalhães, Mestre e doutoranda em Arqueologia pela Universidade do Minho. Desde 2004 que participa em diversos trabalhos arqueológicos, como co-responsável, no âmbito de intervenções realizadas em contexto de arqueologia urbana pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.



**Figura 1.** Aspeto geral da área antes da intervenção.

da Senhora-a-Branca e a Cangosta da Palha (atualmente denominada Rua Dom João Cândido de Novais e Sousa).

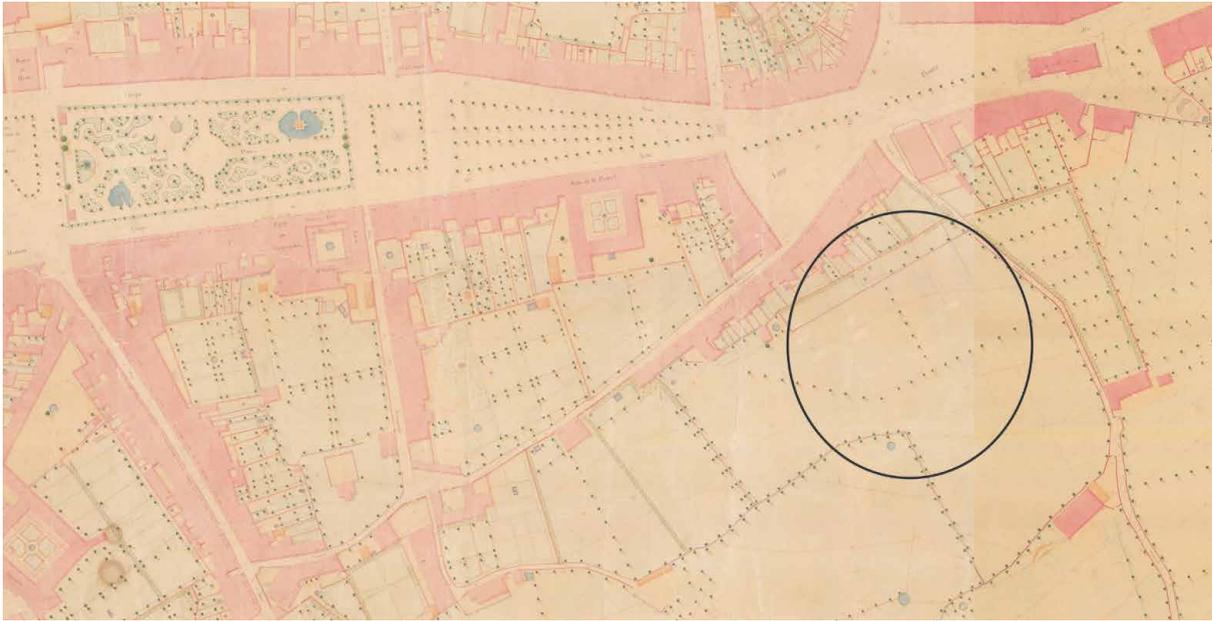
Os terrenos intervencionados (Figura 1) cumpriam a função de parque de estacionamento e de campos agrícolas da Oficina de S. José. O uso daquele logradouro com finalidades agrícolas aparece documentado na cartografia histórica de Braga dos últimos séculos. De facto, ao analisarmos a Planta de Braga, datada de 1883/84, da autoria de Francisque Goullard (Figura 2), percebemos que uma grande área a Este da cidade era constituída por vastos campos agrícolas que conformavam a paisagem e recortavam os territórios da periferia imediata de Braga.

A utilização dessa extensa área próxima à cidade para finalidades agrícolas em época moderna e

contemporânea encontra-se, também, evidenciada pelos vestígios arqueológicos identificados no decorrer da intervenção, materializados em parte do sistema hidráulico instalado nesses campos com o intuito de garantir a irrigação das terras para o plantio.

Trata-se de uma estrutura hidráulica de armazenamento, uma cisterna, associada a caleiras e regos de transporte de água (Figura 3), que no conjunto serviam a exploração agrícola das quintas que aqui existiram até finais do século XIX.

Apesar de Braga ser uma região de pluviosidade intensa, sobretudo nos meses de inverno, a captação e o armazenamento de água justificaram, no decurso dos séculos XVII e XVIII, provavelmente associado com a difusão do milho (grosso), um significativo e generalizado investimento na construção



**Figura 2.** Extrato das folhas 16 e 17 da Planta de Braga de Francisque Goullard, 1883/84.



**Figura 3.** Pormenor da cisterna e da canalização setecentista.



**Figura 4.**  
Implantação do sistema hidráulico na Planta de Braga de Francisque Goullard, de 1883/84.

de estruturas que possibilitassem satisfazer as necessidades de água para o seu cultivo.

A já mencionada Planta de Braga de Francisque Goullard, que regista praticamente todas as estruturas hidráulicas da cidade, assinala justamente a cisterna acima referenciada, devendo assinalar-se o rigor locativo da cartografia (Figura 4 [cf. Figura 2]).

Os referidos terrenos, próximos à cidade de Braga, parecem ter sido utilizados com finalidade agrícola ao longo de vários séculos. A documentação do período medieval (*Liber Fidei*, Doc.486 – in Costa e Marques, 2016) regista a existência de vinhas

em terrenos a norte da Oficina de S. José, na área atualmente correspondente à metade nascente da Avenida Central, vinhas que foram compradas por D. Diogo de Sousa para conformar o então *resio de Sancta Anna*, ligando-o ao Largo da Senhora-a-Branca (Costa, 1993: 114).

No decorrer dos trabalhos arqueológicos foi ainda possível identificar uma canalização de época medieval e, próximo desta, uma mina d'água (Figura 5).



**Figura 5.**  
Canalização medieval e mina d'água.

A proliferação de estruturas ligadas à condução e ao armazenamento de água, correlacionadas com o uso agrícola dos terrenos da periferia da cidade, poderá estar relacionada com o aumento da população e consequente necessidade de aumentar a produção agrícola, que a partir do século XVIII valorizou especialmente o cultivo do milho grosso, bastante exigente do ponto de vista da disponibilidade de água, o que explicaria o redimensionamento das estruturas de adução e armazenamento evidenciadas pelas caleiras e cisternas de maiores dimensões.

Contudo, o uso desses terrenos para a agricultura pode, ainda, ser recuado mais alguns séculos. Uma das mais significativas descobertas proporcionadas pela intervenção arqueológica foi, efetivamente, a identificação de uma extensa plantação de vinha, cuja cronologia se poderá balizar entre a época romana e a alta Idade Média (Figura 6).

Trata-se da primeira vez em que é possível documentar arqueologicamente a ocupação agrícola da periferia da cidade de Braga em época romana e medieval, neste caso uma vinha, um tipo de vestígio para o qual se conhecem paralelos



**Figura 6.**  
Covachos  
associados  
à plantação  
de vinha.

noutras regiões da Europa Ocidental mas que nunca se tinha identificado em Portugal. Na área onde se encontra o edifício do Continente Bom Dia foram identificados mais de oito centenas de covachos abertos diretamente no nível de alteração granítica, desenhando um longo campo agrícola. Esses rasgos são constituídos por pequenas valas oblongas com secção em “u”, correspondentes às ‘covas’ de plantio das vides, dispostas em alinhamentos com orientação N/S e E/O e com distribuição regularmente compassada (Figura 7).

Com a escavação da camada de enchimento dos covachos foi possível identificar um conjunto de sementes (Figura 8), as quais representam um

enorme potencial para a caracterização da exploração agrícola na periferia da Braga antiga.

De modo a compreender melhor as espécies que foram plantadas nesses terrenos, foram realizadas análises dessas sementes por uma equipa de paleobiólogos do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos – CIBIO-InBIO, laboratório ligado à Universidade do Porto. Os resultados dessas análises determinaram que se tratavam de grainhas, isto é, sementes de uva.

A presença de uva no norte de Portugal é bastante mais antiga, tendo sido documentada no registo arqueológico desde a Idade do Bronze Final, por volta dos finais do segundo milénio a.C. (Tereso *et al.*, 2016).



**Figura 7.** Perspetiva de parte dos covachos da vinha escavados.



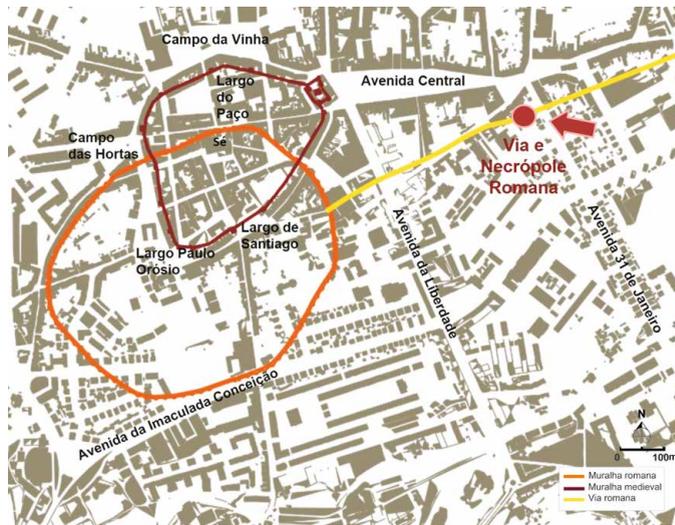
**Figura 8.** Sementes dos covachos.

No decorrer da intervenção arqueológica foi possível perceber que a plantação de vinha era delimitada a norte pela antiga Via XVII. Trata-se da via romana que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga, Espanha) passando por *Aqua Flaviae* (Chaves) e que tinha origem no limite oriental da cidade, cruzando este local em direção às nascentes do rio Este (Figuras 9 e 10).

No topo norte do terreno e em associação direta com a via XVII foi identificada uma nova área

de necrópole, acrescentando-se assim um novo conhecimento sobre a periferia imediata da cidade de Braga em época romana e medieval. Neste caso, tratar-se-á de uma necrópole já não associada à população urbana, mas talvez a um núcleo de povoamento periférico, coincidente com a atual zona da Senhora-a-Branca, provavelmente um pequeno *vicus* à margem da via romana XVII.

A escavação permitiu identificar 63 sepulturas, todas de inumação e datáveis dos séculos IV-VI,



**Figura 9.** Mapa com a localização da intervenção arqueológica em relação à projeção da via romana XVII.



**Figura 10.** Ortofoto com identificação dos principais vestígios arqueológicos.

testemunhando a manutenção da prática de enterrar nas proximidades das vias de comunicação.

A maioria dos enterramentos foi realizada através de uma cova simples aberta no solo, dentro da qual se colocava o morto, diretamente sobre o fundo, sobre uma padiola ou dentro de um caixão. Em muitos casos foi possível perceber o uso de caixões ou padiolas, através do achado dos pregos que fixavam as tábuas (Figuras 11 e 12).

Para além das covas simples, registaram-se outros tipos de estruturas funerárias: cova retangular

com lastro em tijoleira, formando uma espécie de “cama” sobre a qual se depositou o caixão (Figura 13); cova com “caixa” em tijoleira, com cobertura em duas águas (Figura 14).

No interior das sepulturas foi possível exumar alguns artefactos depositados junto com o corpo, no momento do enterramento, de modo a compor as oferendas que acompanhariam aquelas pessoas na pós-vida.

Destacamos dentro do espólio numismático uma moeda de bronze cunhada em *Colonia Iulia*



**Figura 11.**  
Enterramento  
em cova  
simples

**Figura 12.**  
Pregos  
associados  
a caixões ou  
padiolas.



**Figura 13.**  
Sepultura  
com leito  
em tijoleira.

**Figura 14.** Sepulturas em  
“caixa” de duas águas.





**Figura 15.**  
Moeda romana exumada em uma sepultura.

*Paterna Arelatensium Sextanorum*, cidade romana que no século IV, momento quando essa moeda foi cunhada, era chamada simplesmente *Arelate* (corresponde atualmente à cidade de Arles, no sudoeste de França). Mau grado o desgaste e a deterioração da peça, é possível ler parte da legenda “*GLORIA EXERCITUS*”, identificando-se bem, no reverso, dois soldados a entreolharem-se com espadas e escudos nas mãos e um estandarte entre eles (Figura 15).

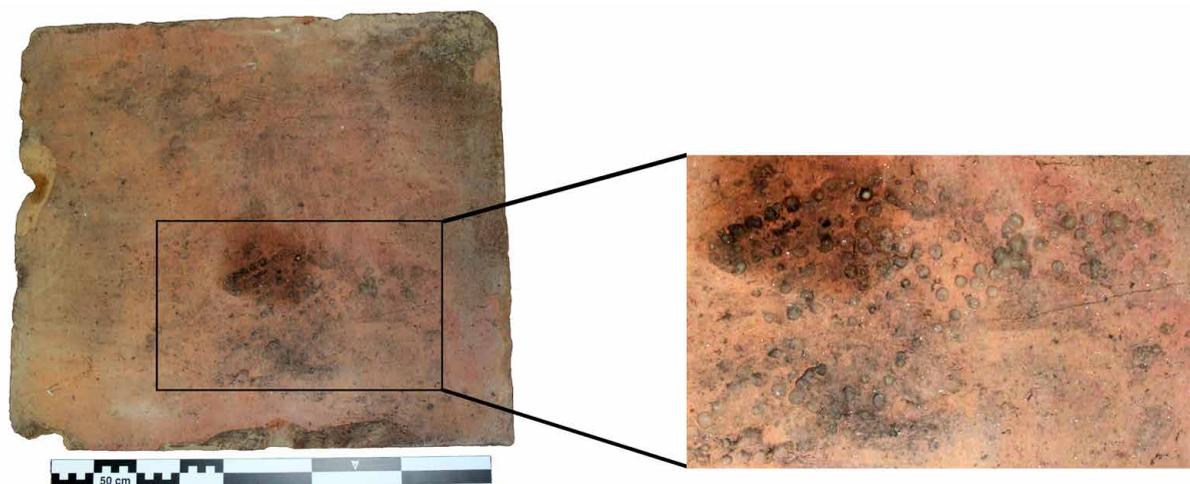
entreolharem-se com espadas e escudos nas mãos e um estandarte entre eles (Figura 15).

Além das moedas, também foram encontrados pequenos objetos em ferro, alguns deles amalgamados com outros, que juntos compunham os cravos de solas de sapatos (Figura 16). Os romanos usavam calçados de diversos tipos e feitos com diferentes materiais, e um desses modelos, chamado *caliga*, feito em couro, possuía pequenos cravos na parte inferior da sola, designados *clavi caligarii*, de modo a melhor proteger os pés de quem os utilizava ao fim de percorrerem longos trajetos, sendo bastante usadas por soldados e comerciantes.

Curiosamente, uma caixa de uma das sepulturas integrava uma tijoleira com marcas de uma pegada em que estão gravados os negativos dos cravos, *clavi caligarii* (Figura 17). Essa pegada foi produzida aquando do fabrico dessa tijoleira, no momento em que ela estava a secar, com a argila ainda fresca, e pode ter sido obra de um descuido de alguém a usar umas *caligae* que pisou no objeto. Contudo, hoje torna-se um interessante



**Figura 16.**  
Cravos de sandálias.



**Figura 17.** Tijoleira com pegada.

A sul da via foi identificado um amplo campo agrícola associado à plantação de vinha. A descoberta dessa vinha antiga na periferia imediata de Braga é um registo fundamental, e até ao momento único, que possibilita uma ampliação nos conhecimentos sobre as atividades que eram realizadas nas proximidades da cidade. É a primeira vez que se conseguem vislumbrar as atividades económicas ligadas à agricultura num terreno tão próximo ao centro urbano.

Já na parte a norte do tramo identificado da via romana XVII foi possível documentar a existência de uma necrópole associável a um núcleo de povoamento na zona da Senhora-a-Branca, contabilizando-se 63 enterramentos de diversas tipologias.

Com o fim da administração romana, e já na Baixa Idade Média, documenta-se a continuação do uso desses terrenos como vinhas, tendo sido exumada uma canalização desse período.

Já em plena Idade Moderna, e com a introdução do milho grosso na economia do norte nos inícios do século XVII, o sistema hidráulico utilizado para garantir a irrigação dos campos agrícolas é transformado de modo a suprir as necessidades de água que esse tipo de plantio exige. Dessa forma, foi possível identificar na intervenção arqueológica um sistema de regos e de canalizações de maiores dimensões, bem como uma cisterna para o armazenamento de água.

A importância da Oficina de S. José para a cidade de Braga, intimamente relacionada com a preservação da memória dessa instituição para o presente (e o futuro), encontra agora um caminho inverso, fruto dos resultados da intervenção arqueológica realizada nos seus terrenos. O levantamento e o estudo de cada camada que, na sua sobreposição, formaram a longa sequência de ocupação daqueles terrenos, permitiram descobrir um sítio único para

a compreensão das modalidades de ocupação do solo da periferia da cidade de Braga desde a época romana até hoje.

### **Bibliografia**

Costa, A. (1993). *D. Diogo de Sousa novo fundador de Braga e grande Mecenaz da Cultura*. Separata do livro de *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 Anos de Dedição da Catedral*. Braga, pp. 15-118.

Costa, A. & Marques, J. (2016). *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Tomo I (ed. crítica de Avelino de Jesus da

Costa e reed. melhorada e ampliada de José Marques). Arquidiocese de Braga: Braga.

Martins, M. (2014). Projeto de Bracara Augusta. 38 anos de descoberta e estudo de uma cidade romana, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Porto, vol. XIII, pp. 165-175.

Tereso, J., Bettencourt, A., Ramil-Rego, P., Teira-Brión, A., López-Dóriga, I., Lima, A., Almeida, R. (2016). Agriculture in NW Iberia during the Bronze Age: A review of archaeobotanical data. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 10: pp. 44-58. DOI: 10.1016/j.jasrep.2016.07.011.